

UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO SOBRE A MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A PSYCHOPEDAGOGICAL LOOK ON THE MEDIATION OF LEARNING IN CHILDREN EDUCATION

Tatiana Costa Martins

Universidade Aberta do Brasil (UAb)

Universidade Estadual do Tocantins (Unitins)

taticmartins@gmail.com

Resumo: O cenário educacional no Brasil passa por crises paradigmáticas que não encontram modelos de resolução pré-estabelecidos, nem ao menos propostas didáticas e metodológicas que se apresentem como fórmulas prontas frente às discrepâncias e adversidades, em todos os níveis e modalidades de ensino. Nesta perspectiva reflexiva, torna-se pertinente pensar em uma postura educativa que promova mudanças na atuação dos educandos enquanto seres, reconhecidamente históricos, sociais e produtores de cultura. Voltar-se para a Educação Infantil, nesta ótica de mudança significativa, pode ser uma alternativa a médio e longo prazo, no sentido de fundamentar vivências que não se percam ao longo da Educação Básica. Enquanto etapa de grande importância na estruturação do sujeito, a escolarização das crianças na Educação Infantil precisa ser repensada, continuamente, pelos profissionais, principalmente no que se refere à expressividade e autoria infantil. Neste viés de fomento da autonomia, criticidade e atuação ativa da criança, a pesquisa científica ganha corpo com o advento tecnológico que precisa engajar-se ao planejamento docente e à prática pedagógica cotidiana. Assim, o processo de aprendizagem consolida-se enquanto proposta sistemática e mediada, agregando a pesquisa, a tecnologia, o pensamento concreto, a ludicidade e a interação.

Palavras-Chave: Autoria – Iniciação Científica – Educação Infantil – TICs.

Abstract: The educational scenario in Brazil goes through paradigmatic crises that do not find pre-established models of resolution, nor at least didactic and methodological proposals that present themselves as formulas ready to face the discrepancies and adversities at all levels and modalities of teaching. In this reflective perspective it is pertinent to think of an educational posture that promotes changes in the performance of learners as recognizably historical, social beings and producers of culture. Returning to Early Childhood Education, in this perspective of significant change, can be an alternative in the medium and long term, in the sense of supporting experiences that are not lost during the Basic Education. As a stage of great importance in the structuring of the subject, the schooling of children in Early Childhood Education needs to be continually rethought by professionals, especially with regard to expressiveness and children's authorship. In this bias of fostering the autonomy, criticality and active activity of the child, scientific research gains body with the technological advent that needs to be engaged in teaching planning and daily pedagogical practice. Thus, the learning process consolidates itself as a systematic and mediated proposal, combining research, technology, concrete thinking, playfulness and interaction.

Key words: Authorship - Scientific Initiation - Early Childhood Education – TICs.

Introdução

A reflexão sobre as propostas de autoria e participação ativa das crianças ao longo da Educação Infantil encontra diversos enfrentamentos oriundos de questões que se relacionam à didática, aos processos de construção do conhecimento, à metodologia de ensino, à sistematização de projetos, bem como o desenvolvimento de práticas que privilegiem a iniciação científica.

A escolha pela abordagem teórica, que corrobora com a viabilidade e a importância da iniciação científica na infância, se justifica pela necessidade de os educadores pensarem em possibilidades frente aos desafios da prática docente, em meio às demandas tecnológicas e sociais, que exigem sujeitos criativos, autônomos, cooperativos e atuantes em âmbito político e social. Todos estes fundamentos se iniciam nas interações do indivíduo, desde a Educação Infantil. A metodologia da pesquisa centra-se, desta forma, no viés bibliográfico, com recortes e reflexões à luz das teorias que abordam o desenvolvimento de projetos pedagógicos como alternativa de promoção da iniciação científica na Educação Infantil. Parte-se do princípio de Minayo (1997), ao afirmar que a pesquisa é um processo em espiral, desembocando em um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.

O processo de autoria infantil, proposto aqui, enquanto autonomia de pensamento se liga

intimamente ao desenvolvimento de situações de aprendizagem, em que o diálogo interdisciplinar entre Literatura, Artes, Meio Ambiente, Tecnologia e demais temas transversais sejam trabalhados, através de uma postura lúdica de valorização da brincadeira e do brinquedo, do jogo e da espontaneidade, da expressão e da criação. “A autoria de pensamento supõe diferenciação, agressividade saudável, ‘re-volta íntima’ a partir da qual há a possibilidade de reencontro com o outro. Acesso a nós mesmos.” (FERNÁNDEZ, 2001, p.105).

Nesta perspectiva, de integração e interação, a iniciação científica se manifesta através dos projetos pedagógicos que possibilitam a atuação interdisciplinar a caminho de uma prática que precisa ser almejada, a da transversalidade.

A construção ativa e interativa do conhecimento desmonta uma visão tradicional de passividade e fragmentação, entre professor e aluno, entre ensino e aprendizagem. Este processo de descoberta ocorre quando a mediação do professor fomenta a pesquisa, a investigação científica, enquanto processo do cotidiano e que não se relaciona apenas a fatores das ciências, que por vezes estão distantes da realidade vivida. A iniciação científica é a proposta de sistematização da investigação dos porquês, tão importante na faixa etária das crianças durante a Educação Infantil.

Pensar sobre a tecnologia, enquanto importante ferramenta de apoio pedagógico, também exige do educador uma constante resignificação de sua própria formação inicial e continuada, uma vez que muitos encontram dificuldades quanto à apropriação das rápidas mudanças ocasionadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Destarte, o processo de aprendizagem em todos os níveis e modalidades de ensino exige a atuação do aluno, o engajamento e a parceria entre docentes e discentes, nos universos que existem na sala de aula e nos demais ambientes educativos.

Pedagogia de projetos na educação infantil e o processo de autoria docente e discente

Refletir sobre as relações de autoria que se efetivam na Educação Infantil, exige uma proposta que contemple o educador e o educando, ao passo que o ensino, e a aprendizagem, se fundem em interações, trocas e construções coletivas, a partir das experiências e realidades pessoais.

A Pedagogia de Projetos apresenta-se como uma possibilidade de autonomia pedagógica, no sentido de ir ao encontro das expectativas percebidas pelo professor, através do processo de escuta, observação atenta e diálogo com as crianças. Daí a íntima relação entre projeto e pesquisa, pois ambos partem de um problema, de uma situação real, de uma demanda concreta.

A necessidade de diversificação dos caminhos metodológicos se justifica pela diversidade da própria sala de aula, que reúne aspectos multiculturais, os quais expressam valores sociais e familiares, regionalismos e elementos globalizantes, ou seja, elementos que caracterizam a individualidade de cada ser.

Do ponto de vista metodológico, o professor precisa aprender a equilibrar processos de organização e de “provocação” na sala de aula. Uma das dimensões fundamentais do educar é ajudar a encontrar uma lógica dentro do caos de informações que temos, organizar numa síntese coerente (mesmo que momentânea) das informações dentro de uma área de conhecimento. Compreender é organizar, sistematizar, comparar, avaliar, contextualizar. Uma segunda dimensão pedagógica procura questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente. (MORAN, 2004, p.4).

Assim, o professor é o profissional que necessita aprofundar-se em embasamentos teóricos que garantam uma prática reflexiva, principalmente no que se refere ao uso das tecnologias, ou seja, das mídias em geral. Ressalta-se que somente a tecnologia por si não promoverá uma mudança de paradigma quanto ao fomento da participação crítica e da autonomia do educando, mas será um

importante alicerce para que esse processo crítico ocorra de fato. Nesta perspectiva, “reconhecer o papel social da educação infantil, significa reafirmar sua função de atender às necessidades da criança, constituindo-se em espaço de socialização e convivência.” (CAMPOS, 1994 apud Fiocruz, 2004).

Propor tal postura crítica, ao professor da Educação Infantil, é investir em todo processo da Educação Básica, de maneira que o início da escolarização se fundamente em bases de pesquisa e ação, em propostas pedagógicas que darão subsídios para que o educando prossiga atuante nos demais níveis de ensino, tornando real o espírito questionador e inovador tão urgente na sociedade atual. Refletir, acerca da Educação Infantil, enquanto etapa primordial da escolarização é fundamental na busca pela sistematização da prática docente, de forma a proporcionar o acesso ao conhecimento e mediar a construção dos saberes.

A criança é um ser completo, num contexto historicamente definido, conhecendo o verdadeiro papel que exerce em sua família e na comunidade, é possível compreender melhor a linguagem, as ações, sentimento, reações e possibilidades de seu desenvolvimento (AROEIRA, 1996, p. 21).

Destarte, o psicopedagogo que atua em âmbito escolar necessita fomentar a discussão sobre a postura do professor mediador no incentivo à pesquisa, no desenvolvimento autônomo frente aos conhecimentos, sem subestimar o potencial criativo e crítica da infância, etapa primordial do desenvolvimento integral do sujeito, sendo o profissional psicopedagogo responsável pela contínua perspectiva de garantia das interações. Nesta perspectiva, a Instituição de Educação Infantil é um espaço fecundo para este desenvolvimento integral e necessita ter clareza quanto a esta função social.

Imersos nessa sociedade, as famílias e os profissionais da Educação Infantil têm vivenciado com muita satisfação essa consciência de que a criança tem direito à Educação e de que esta tem de ser da mais alta qualidade, não se tolerando mais, absolutamente, que à criança fique destinada uma instituição de baixa qualidade, de qualquer jeito, sem a preocupação com ela no momento presente e com seu futuro desenvolvimento. Uma escola destinada de zero a seis anos não pode ser razoável. Ela tem que ser excelente. (FIEL, 2002, p.7).

Uma breve análise, acerca da trajetória histórica da Educação Infantil no Brasil, denota uma visão tradicional sobre a infância ao longo de décadas, negligenciando a criança como um ser único, com sentimentos e expectativas particulares, com fases diferenciadas e ritmos de aprendizagem que não se apresentam no mesmo compasso de tempo e espaço. O movimento de valorização da criança teve início em áreas como a Psicologia, Neurologia e Psiquiatria, chegando à Educação como fruto de pesquisas científicas. Até meados da década de oitenta, a grande preocupação da Educação frente às crianças na Pré-escola eram os padrões evolutivos em âmbito da aprendizagem, havendo uma perspectiva de privação cultural (CAMPOS; HADDAD, 1992).

Nesta perspectiva de privação cultural, as questões relativas à aprendizagem da criança são percebidas de forma isolada e condicionadas aos aspectos sociais. De acordo com Kramer (2003), três distintas fases são percebidas na história educativa ao longo da infância: proteção à saúde, assistência social e educação; todas com uma concepção de criança como um ser a-histórico. A visão contemporânea, da Educação Infantil, aponta para o reconhecimento do sujeito enquanto ser histórico, social, produtor de cultura e intelectualidades, conforme explícito na Política Nacional de Educação Infantil, “[...] uma nova concepção de criança, como criadora capaz de estabelecer múltiplas relações, sujeitos de direitos, um ser sócio-histórico.” (BRASIL, 2006, p.10).

A abordagem, acerca da autoria enquanto produção e postura ativa frente à pesquisa exige uma reflexão sobre a própria visão do educador enquanto mediador deste processo, o qual deve ser percebido a partir de problemas da vida prática, “fruto de determinada inserção no real.” (MINAYO, 1997, p.18). A Educação Infantil apresenta-se como etapa primordial da escolarização, onde o espírito investigativo encontra fecundidade, tendo em vista ser a pesquisa científica “uma

atividade intelectual que visa responder às necessidades humanas.” (SANTOS, 2000, p.15).

Suscitar a pesquisa enquanto processo contínuo, gerador de autonomia e criticidade, necessita ser alvo da reflexão docente durante toda a Educação Básica, iniciar esta sistematização na Educação Infantil caracteriza-se como alternativa possível e imprescindível à valorização do educando, que se compreende como integrante e atuante no processo de aprendizagem. A proposição de projetos didáticos como metodologia ativa na Educação Infantil possibilita um viés interdisciplinar que fomenta a postura ativa de produção dos educadores e educandos.

O despertar para a pesquisa científica apresenta-se como possibilidade concreta de trabalho com vistas à criatividade, autonomia, potencializando os conhecimentos a priori da escolarização e permitindo a ressignificação no decorrer do processo de aprendizagem.

Proposições sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na educação infantil

Tecnologia e prática pedagógica não mais se desvinculam. Mesmo que haja uma ilusão aparente de que as TICS não estão presentes a todo instante, pois uma breve reflexão torna válida a primeira afirmação. A tecnologia está presente desde o momento do planejamento docente, seja em uma pesquisa virtual, pelo computador ou aparelho móvel, seja na execução do planejamento de aula, expresso em músicas, filmes, animações, até mesmo na proposta de o próprio aluno ser o pesquisador tendo a tecnologia como ferramenta de estudo, presente também nos momentos de registro nos diários de classe.

Essas modificações propostas pelas TICS se apresentam de forma árdua para alguns e utilitária para outros. O fato concreto é que o conhecimento do professor faz total diferença frente a tecnologia. O livro didático, por exemplo, também considerado uma tecnologia em seus primórdios, por si só jamais garantiu a aprendizagem, o que evidencia o quanto a mediação do professor frente ao recurso pedagógico é determinante para o ensino e, concomitante ao aprender.

Na Educação Infantil a tecnologia é grande aliada do docente, pois permite um leque vasto de opções audiovisuais no trabalho de conceitos psicomotores. A curiosidade das crianças pequenas pelos equipamentos eletrônicos pode ser explorada em sala de aula, sendo proposto, por exemplo, o manuseio do aparelho de som, desenhos com o estímulo de projeções, utilização de filmagens das próprias atividades propostas em sala e depois visualizada com os alunos, enfim, existem inúmeros recursos a serem explorados e que entrelaçam as TICS à prática docente, tendo como foco o aprender de forma coletiva.

Acerca dos processos de aprendizagem Pierry Lévy (2011) contribui significativamente com o conceito de “inteligência coletiva”, onde apresenta a tecnologia como suporte para o desenvolvimento intelectual, no que denomina novo espaço antropológico, onde todos estão interligados, o qual desterritorializa os saberes. Tal filósofo agrega importante contribuição à Educação frente ao uso das tecnologias, pois afirma que a aprendizagem mediada pelas TICS é um processo de valorização e reconhecimento das competências de cada indivíduo, e na Educação Infantil este processo não se dá de maneira diferente, se dá pela interação, pela troca das experiências entre as muitas histórias de vida que se cruzam, principalmente entre docente e discente, sem que se subestime a capacidade intelectual dos pequenos.

Esta visão sobre uma nova maneira de propor o saber, tendo como pilares o empoderamento informacional e a inclusão digital, desafiam os docentes quanto ao uso seguro e consciente acerca das TICs, enquanto ferramentas pedagógicas de grande auxílio lúdico em sala de aula.

Os conceitos de infância são revistos por educadores que se deparam com desafios que se relacionam diretamente com as experiências que os alunos possuem, à priori à escolarização e, concomitante à escolarização. A tecnologia se manifesta como um viés que permeia todo processo de ensino.

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente

marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (BRASIL, 2006, p. 16-17).

Essa multiplicidade de dimensões, que atua no desenvolvimento infantil, precisa ser contextualizada na escola, pois através das interações propostas, novos conhecimentos se agregam a estas experiências singulares. O senso coletivo e concreto da Educação Infantil se consolida na prática pedagógica que valoriza o sujeito de direito, em consonância com fundamentos psicopedagógicos.

A Psicopedagogia reconhece seu sujeito, definitivamente, como sujeito autor (de pensamentos, de obras, de si mesmo), sujeito capaz de autoria – processo de ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção – que é constituído em processo contínuo, nunca acabado e iniciado inclusive antes do nascimento. (FERNANDEZ, 2001, p.94).

Desta forma, o professor concebe a viabilidade e a importância de incorporar as Tecnologias de Informação e Comunicação em seu cotidiano pedagógico, auxiliando o processo de ensino que parte do concreto e da valorização pessoal, primando pelas relações simbólicas de interação com os outros e com o meio, fundamentais, principalmente, na Educação Infantil. Para Gadotti (2000, p. 38), “a escola precisa ser o centro de inovações e tem como papel fundamental orientar, criticamente, especialmente crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer, e não embrutecer”.

Ainda em Mizukami (1986), é possível perceber que a Educação é vista enquanto processo, cuja finalidade se relaciona a criar condições para que o aluno aprenda, tanto em âmbito intelectual, quanto emocional. Assim, os estudos se coadunam aos atuais documentos que norteiam a prática pedagógica na Educação Infantil, entre eles, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), a Política Nacional de Educação Infantil (2006) e os Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2008).

A apropriação, por parte dos educadores, das propostas advindas das TICs, permitirá de forma consistente, um efetivo planejamento que alie tecnologia ao brincar, ao movimento, à expressão livre de sentimentos, ampliando o conhecimento das crianças de maneira prazerosa.

Reflexões acerca da psicopedagogia na formação do professor mediador da pesquisa

A abordagem acerca do papel do professor enquanto mediador, parte do fundamento preconizado por Lev Vygotsky acerca do desenvolvimento humano, na dialética de transformação mútua entre homem e natureza, tendo no meio de interações, a concretização do que o autor denomina “atividade mediada”. Na relação com a criança, o processo de mediação é imprescindível na proposição da aprendizagem, a partir de posturas ativas dos sujeitos. Destarte, Vygotsky alerta que,

Crianças não são ensinadas pelos adultos a mediar suas atividades práticas ou mentais com o uso de signos, nem tampouco isso se desenvolve intuitivamente, mas através de um processo dialógico complexo que depende de uma série de transformações qualitativas que ocorrem no indivíduo, à medida que ele vai vivendo diferentes experiências. (VYGOTSKY, 2003, p.60).

Nesta perspectiva, o psicopedagogo estabelece sua prática profissional, no âmbito escolar, tendo como objetivo o trabalho junto aos educandos, corpo docente e demais sujeitos, no intuito de valorizar as interações, as propostas pedagógicas que estimulem e assegurem a postura ativa

na construção da criticidade, do diálogo, da atuação cidadã desde a mais tenra idade, a partir da compreensão das intervenções educacionais como alavancas do desenvolvimento.

A escola vivencia diversos desafios, e o profissional psicopedagogo contribui com todos os processos que se relacionam aos sujeitos, tanto nas relações interpessoais, quanto nas relações com as aprendizagens. Promover a formação continuada dos professores em parceria com os demais profissionais da Unidade de Ensino é uma proposição fundamental para a melhoria dos processos de ensino, e conseqüentemente, de aprendizagem das crianças e jovens ao longo da Educação Básica.

Na Educação Infantil, a realidade pela resignificação contínua dos processos de aprendizagem também se efetiva na prática do psicopedagogo, expressa junto aos educandos e educadores, estabelecendo elos com as famílias no sentido de parcerias necessárias. Daí a importância de este profissional possuir parâmetros claros que definem sua identidade, mediando processos inclusivos que possibilitem um trabalho diferenciado em sala de aula, rompendo com possíveis rótulos quanto às dificuldades de aprendizagem.

O incentivo à pesquisa, enquanto postura didática de estímulo e investigação, principalmente na Educação Infantil, início da escolarização, permite que os educandos agreguem valores educativos, os quais potencializam seus posicionamentos frente às próprias aprendizagens. O professor é o agente mediador imprescindível nesta formação, a partir de uma perspectiva multidisciplinar do ensino, tendo como pressuposto a análise da psicopedagogia na construção de práticas calcadas na ética e em sólidas fundamentações epistemológicas, com vistas ao desenvolvimento em âmbito particular e grupal.

É a Psicopedagogia, hoje, a área de conhecimento que mais se propõe a uma práxis que atenda a estes requisitos e princípios éticos. Também aqui vemos muitos profissionais que sequer conhecem seu código de ética. A ética profissional é um compromisso social; não existe bem-estar individual sem bem-estar coletivo. (GRIZ, 2007, p.78).

Em sala de aula, no apoio pedagógico, ou em práticas da Educação Informal, o psicopedagogo se propõe a esta dialética do ensino, da aprendizagem e do desenvolvimento integral do ser, conforme corrobora Stroili (2005) ao afirmar que o grande desafio do psicopedagogo é reconhecer e trabalhar a diversidade, compreendendo os diferentes saberes, valores, vivências culturais e expectativas dos sujeitos.

Assim, torna-se fundamental que a atuação psicopedagógica ocorra de maneira intrínseca às dimensões que perpassam a aprendizagem dos sujeitos, levando em consideração as individualidades e as posturas coletivas, as vivências e as interações, o diálogo e a observação contínua dos processos, garantindo assim, uma completude de aspectos que unidos criam ambientes de aprendizagens significativas.

Considerações finais

As práticas que se efetivam ao longo da Educação Básica necessitam ser alvo de constantes reflexões de educadores no sentido de melhoria dos processos de aprendizagem. Na Educação Infantil, o incentivo à pesquisa apresenta-se como alternativa metodológica, com vistas ao desenvolvimento da autonomia, criticidade, criatividade, expressão e autoria dos sujeitos.

O psicopedagogo frente a este desafio de suscitar a iniciação científica, enquanto sistematização da pesquisa, principalmente, contribui sobremodo, com a reflexão fundamentada em perspectivas teóricas que propõem bases mais sólidas na efetivação da práxis pedagógica.

A Educação Infantil caracteriza-se como etapa fecunda para o despertar dos potenciais individuais e coletivos de autoria, no sentido de participações e produções, pesquisas e investigações, que estimulam o desenvolvimento da própria identidade da criança.

Assim, o fomento à pesquisa apresenta-se como alternativa concreta do trabalho pedagógico, como possibilidade real de parcerias, e garantia de expressividade do sujeito histórico e social, seja este o educador ou o educando.

Os processos de desenvolvimento infantil assumem novas perspectivas quando se valoriza

o contexto histórico. As Tecnologias de Informação e Comunicação estão presentes no cotidiano das crianças, portanto, não podem ser ignoradas no contexto escolar. Frente ao desafio posto aos educadores, faz-se imprescindível a investigação científica enquanto fundamento para a construção deste novo paradigma.

Na Educação Infantil, compreendida como etapa essencial para o desenvolvimento cidadão, a proposta pedagógica deve permitir a participação social, para que através da interação, as crianças trabalhem a própria identidade, autonomia, no reconhecimento das especificidades e da diversidade, ampliando assim as experiências de vida, e conseqüentemente, as aprendizagens.

O processo de mediação do educador garante, desta forma, uma socialização da criança no meio escolar e social, de modo que, ao posicionar-se ativamente frente à aprendizagem, também o fará frente à sociedade.

Referências

AROEIRA, Maria Luísa Campos. **Didática de Pré-escola: vida de criança, brincar e aprender**. São Paulo: FTD, 1996.

BRASIL, MEC/SEF/CIEDI. **Política Nacional de Educação Infantil: Pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Parâmetros de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: DF, 2008.

CAMPOS Maria M. & HADDAD, Lenira. **Educação infantil: crescendo e aparecendo**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 1992.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamentos**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FIEL, Luciana. **Creche, Gestão e Prática Pedagógica**. Minas Gerais: Aprenda Fácil, 2002.

FIOCRUZ, Creche. **Projeto Político Pedagógico: Contando histórias, tecendo redes, construindo saberes**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. São Paulo: Perspectivas, 2000.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. Ética In: BOMBONATTO, Q & ALUF, M. I. (orgs.). **História da Psicopedagogia e da ABPp no Brasil: fatos, protagonistas e conquistas**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2007.

KRAMER, Sônia. **A política do pré escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Santa Catarina: Achiamé, 1984.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: Teoria, Método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIZUKAMI, Maria das Graças. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAN, José Manuel. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Curitiba: Revista Diálogos Educacionais, 2004. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=616. Acesso em 01/10/2016.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

STROILLI, Maria Helena Melhado. **Psicopedagogia: identidade de uma especialidade em construção**

In: Revista Psicopedagogia. v.19, n°.56, p. 14 – 16, outubro 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 19 de março de 2017.

Aprovado em 18 de abril de 2017.